Rev. 103
103

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 38 — 6 DE JULHO DE 1936 DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO 16 PÁGINAS — PREÇO 1$0

Neste número: "As férias duma vedeta", p.

FLORES, AOS NOIVOS!

De repente [illegible] que as trombetas da publicidade apregoassem o facto, Jean Parker desposou o jornalista George Macdonald

Um «leader» chinês tornado actor

Um dos mais importantes «leaders» políticos dos chineses, na costa do Pacífico, tornou-se actor, para interpretar um papel de porteiro em *The Good Earth*.

Law — assim se chama o filho do Céu — é um dos presidentes das «Seis Companhias Chinesas», um «trust» que reúne as seis associações de beneficência mais importantes, e êle próprio é chefe da Organização Cantonense que conta 10.000 membros. Também domina uma da maiores organizações de seguros, na Costa do Pacífico.

Apaixonado pelo cinema, e encantado com a possibilidade de mostrar os chineses tal como realmente são, Law deixou os seus negócios nas mãos dos sócios, para ir para os estúdios, interpretar o papel.

O 29.º aniversário de Léonard

O director Robert Z. Leonard vai celebrar o seu vigésimo nono ano no cinema, quando dirigir, dentro em breve Robert Montgomery em *Piccadilly Jim*.

Leonard começou a sua carreira cinematográfica em 1907. De tempos a tempos, escreveu, dirigiu e apareceu em papéis principais, nos filmes silenciosos. Depois disso, há vinte anos, tornou-se director e dirigiu Theodore Roberts e Elliot Dexter. Desde então, Leonard realizou filmes com quási todos os [illegible] e do pre-

[illegible] *Jim*, [illegible] mais [illegible]

O novo de Laurel & Hardy

No seu novo filme, *Our Relations*, Stan Laurel e Oliver Hardy representam papéis duplos. Os famosos cómicos, aparecerão, contudo, sem «maquillage» de qualquer espécie, como é seu costume, desde que trabalham juntos.

Quando foi divulgada a notícia de que iam interpretar papéis duplos, muita gente supôs que Laurel talvez aparecesse com a cara completamente barbada e que Hardy prescindisse do seu cómico bigode.

Nada disso, porém, aconteceu. Só mudaram de traje, de voz e de gestos, para interpretar os papéis de irmãos — um pobre e outro rico. *Our Relations* é baseada numa história de W. W. Jacobs, e oferece a estes inimitáveis actores, [illegible] oportunidade excepcional de afir- [illegible] as suas prodigiosas faculdades. [illegible] do filme passa-se na Europa.

Comentários á volta duma colecção de fotografias

NÃO há ninguém que não possua uma gaveta na qual a desordem prime sôbre a ordem. Uma gaveta parase abre apenas para nela se acumular, sem distinção, recortes de jornais, sêlos novos e usados, lacre, lâminas «Gillette», cartões de visita, gravatas e tantíssimas coisas cujo uso, embora freqüente, permite o caos.

Ora eu também tenho uma gaveta dessas (aqui entre nós mais do que uma...) onde guardo variados objectos e onde fui encontrar, aqui há dias, certa colecção de fotografias de alguns célebres artistas hoje desaparecidos da tela.

Estes postais faziam, há anos atrás, o encanto e o delírio das populações cinéfilas. De facto, a troco duns míseros tostões tinha-se assim, lado a lado, sob a mão, as estrêlas mais em voga e as galãs mais disputados.

Sós, a duo, na s mais svariadas posições, de frente, a três quartos, estavam ali prontos, tanto uns como outros, a um exame mais ou menos admirativo e ao qual se não podiam furtar.

Estabelecidas as devidas proporções, o colecionador de fotografias era indiscutivelmente mai feliz do que o repórter, do qual os artistas se escapam com a celeridade própria a quem já concedeu o exclusivo das entrevistas, a troco de bom metal sonante, à agência X, Y ou Z.

O colecionador podia à vontade entrevista os «seus» artistas, preguntar-lhes as coisas mais disparatadas, aconselhar-lhe as mais inverosímeis, insultá-los até porque, para êle, não havia o receio de um «não», o temor de um desmentido ou o susto dum pocesso de indemnização. Era a soberana posse a que uma espécie de fetichismo emprestava um rito dos mais curiosos.

Ao contemplar essas fotografias assaltaram-me uma multidão de pensamentos. Em poucos segundos passou-me pela mente a servidão e grandeza daqueles assalariados da sétima arte e o sacrifício da existência, inteligência e personalidade a que se sujeitaram.

Mais: aflorou-me ao espírito quão terríveis teriam sido os seus momentos de principiantes, enorme a alegria do triunfo e trágico o momento da decadência, à qual, para alguns, sucedeu a morte.

Eis Lon Chaney, o homem das mil caras, cuja reputação era tal em Hollywood que Mary Pickford, um dia, durante uma filmagem, ao ver um caracol, exclamou: «Atenção! Não o pisem, talvez seja de Lon Chaney!». Eis René Adorée, a terna Mélisamie da «Grande Parada».

Reúne-os uma fotografia que os mostra, abraçados, numa das cenas mais emocionantes de «Mister Wu». A expressão de Lon Chaney é de angústia, mas duma angústia comunicativa, que o seu rosto traduz magistralmente...

Outro postal apresenta Rudolgo Valentino e outro Lew Cody, aquele galã impertinente, cujo bigodinho cínico as plateias tanto apreciavam. E, stessão os mortos.

Agora vêm os esquecidos, os que desapareceram por detraz da cortina depois de fazer vibrar os seus contemporâneos: Lilian Gish, Lars Hanson, Betty Balfour, Clara Bow — lembra-se do «It»? — Madge Bellamy, Estelle Taylor, Bébé Daniels, Laura La Plante — a loira ultra-fotogénica — Colleen Moore, a Berlini, e Mae Murray, que vimos na «Viúva Alegre» a lado de John Gilbert e de Roy d'Arcy.

Finalmente, May Mac Avoy e Viola Dana.

Tudo esquece na vida, mesmo aqueles que nos deram momentos de prazer.

Assim acontece aos artistas que, ontem, eram os ídolos das multidões e dos quais, hoje, se fala com certo ar amnésico, que se não coaduna com os elogios e aplausos que então mereceram.

Restam-lhe apenas alguns fiéis que, a-pesar-de tudo, conservam acesa uma chama de saüdade, chama que morrerá no dia em que, por sua vez, também desapareçam para sempre.

OPERADOR N.º 13

BUCK, o cão actor

Uma imagem expressiva de «Buck», o mais representativo das vedetas caninas. Lembram-se da sua actuação, na «Ambição do Oiro», ao lado de Clark Gable?

Una Merkel, no seu jardim, cultiva, amorosamente, adorosos jarros

Virginia Bruce e sua filha, o fruto dos seus amores com o malogrado John Gilbert

Glória Stuart, elegantíssima, apresenta um vestido estilo «ânfora»

Rochelle Hudson, com um trajo que fêz furor, em Palm-Beach

A propósito do recrutamento de intérpretes para os filmes nacionais

D. O sr. Patrício Alvares, poeta e dramaturgo, recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos.

Sr. Director:

No último número do «Cine-Jornal», o sr. Anibal Nazaré pregunta: «onde estão os portugueses com possibilidades fotogénicas? Onde estão as personagens necessárias à interpretação dum filme, que é sempre necessário ir buscá-las ao teatro, e sempre os mesmos, para não variar? Onde está a grande revelação do nosso cinema?»

As considerações por êle formuladas, pré e post estas permissas, levam-me a tomar-lhe o tempo que julgo necessário para a explicação dos factos, que originam as preguntas em questão.

Ora, aí fora, se as gazetas não mentem, usa-se o sistema de aproveitar os valores que surgem e regeitar os que, uma vez aproveitados, não deram conta do recado. Assim, quando um simples figurante, mostra possuir boas condições para o ofício de actor cinematográfico, há olhos que sabem ver e o cavalheiro ou a dama, encontram logo um trabalho em que possam revelar as suas qualidades. Além disso, a escolha dum artista para o desempenho do protagonista dum filme, recái sempre, ou sôbre quem mostrou as possibilidades de vencer nas condições acima, ou sôbre artista com provas dadas... mas boas.

Por cá, dá-se precisamente o contrário. O artista que num pequeno papel revelou possibilidades de triunfar, se lhe confiarem trabalho de maior vulto, vê-se excluído, para sempre, do elenco de qualquer outro filme. Entre um artista que só tem dado boas provas e outro que as deu sempre más, por uma coincidência fatal para o nosso Cinema, escolhe-se em regra o segundo.

Esta prática, demasiadamente «vivida» entre nós, para carecer de demonstração, responde, por um lado, às preguntas do sr. Anibal Nazaré.

Por outro lado, lá fora, os grandes realizadores e alguns dos pequenos, sabem muito bem que o Cinema, como arte espectacular que é, requere de quem dirige ou nêle actua como intérprete, elementares conhecimentos de Teatro, que o fonocinema veio tornar ainda mais necessários. E julgo que não preciso mais do que o exemplo dêsse realizador genial que se chama S. M. Eisenstein, para demonstrar a verdade desta tése.

E êle quem diz, pouco mais ou menos, isto: «ao fim dum mês de trabalho nos estúdios, verifiquei que me eram necessários conhecimentos de técnica teatral, razão esta que me levou a ingressar numa companhia dirigida por Stanislawsky, com quem aprendi a ser um director de cena. Voltei então para o cinema onde actuei como realizador».

Para os que andam por aí a afirmar que o Cinema nada tem que ver com o Teatro, devem parecer uma grande idiotice as palavras dêste realizador, considerado mundialmente como Mestre de mestres!

E como «à bon entendeur demi-mot suffit», julgo que estas considerações respondem satisfatòriamente à necessidade de se explicar o outro aspecto das preguntas de Anibal Nazaré.

De V. Ex.ª, etc.

PATRÍCIO ALVARES

Os melhores filmes, estreados em Maio, nos U. S. A.

São 10, na opinião de *Photoplay*, os melhores filmes estreados, em Maio, nos U. S. A. Ei-los:

Dancing Pirate, da R. K. O., com Steffi Dunna e Frank Morgan.

Sins of Mans, da 20th Century-Fox, com Jean Hersholt.

Anthony Adverse, da Warner, com Frederich March e Olivie de Haviland.

Showboat, da Universal, com Allan Jones.

Poor Little Rich girl, da 20th Century-Fox, com Shirley Temple.

Sons o' Guns, da Warner, com Joe E. Brown e Eric Blore.

One rainy afternoon, da Pickford-Lasky, com Francis Lederer.

Under two Flags, da 20th Century-Fox, com Victor Mac Laglen, Ronald Colman e Claudette Colbert.

The Case Against Mrs Ames, da Wanger-Paramount, com Madeleine Carrol e George Brent.

The Ex-Mrs Bradford, da R. K. O., com William Powell e George Brent.

A Metro projecta...

A Metro-Goldwyn-Mayer acaba de anunciar a produção dos seguintes filmes:

The Good Earth, com Paul Muni e Louise Rainer.

Prise and Prejudice, com Norma Shearer.

Maytime, com Jeannette Mac-Donald e Nelson Eddy.

O Prisioneiro de Zenda, com William Powell e Myrna Loy.

Maria Antonieta, com Norma Shearer e Charles Laughton.

Broadway Melody of 1937, com Eleanor Powell.

Kim, com Freddie Bartholomew.

Born to dance, com Eleanor Powell.

The Foundry, com Wallace Beery.

After the Thin Man, com William Powell e Myrna Loy.

No Hero, com Clak Gable.

Adventure for three, com W. Powell e Louise Rainer.

Saratoga, com Clark Gable e Joan Crawford.

Easy to love, com Eleanor Powell.

A notar, nesta lista, o facto de Eleanor Powell, a prodigiosa revelação de *Parada Maravilhosa de 1936*, reaparecer em três filmes, o que corresponde ao interêsse da sua actuação e à vontade manifestada, pelo público, de a rever na tela.

Leo Carrilo revive, na tela, a figura de Caruso

Quando Leo Carrillo apareceu ante a câmara em *Moonlight Murder*, apresentou a mais perfeita das caracterizações do malogrado Enrico Caruso, o mais famoso dos tenores de ópera.

O popular actor tornou-se amigo do inolvidável tenor, desde o primeiro dia em que o conheceu num teatro de Nova York. E como Carrillo teve sempre extraordinária habilidade mímica, aprendeu a imitar os gestos e a maneira de ser do famoso tenor, quando cantava.

«Nunca pensei que essa aprendizagem poderia servir-me algum dia», disse Carrillo. «Costumava fazer imitações de Caruso em reuniões, e êle, por sua vez, imitava-me... nessas imitações».

Leo Carrillo conta muita anecdotas interessantes de Caruso, tais como a sua inclinação para oferecer jantares aos seus amigos com pratos italianos que êle próprio preparava e o costume que tinha de imitar todos os seus conhecidos.

Nelson Eddy «afina» a caracterização de Eleanor Powell

Mona Barrie, na sua quinta, onde está passando o verão

Argeline Judge, que ganhou o título de «mais alegre rapariga de Hollywood»

Ginger Rogers exibe uma magnífico raposa «argentée»

TENHAM CAUTELA COM O BRASIL!

BASTAS vezes tem esta revista pugnado, no sentido de se fazer um intercâmbio sério e honesto com o Brasil, intercâmbio êste que, feito com bases sérias e sem a preocupação, de parte a parte, de enganar o próximo — só poderá trazer bons frutos, às duas indústrias cinematográficas, portuguesa e brasileira, que do seu auxílio mútuo carecem.

No entanto, é preciso ter cautela com o Brasil! Muitos supõem estar ali um filão a explorar, um filão fácil, que aceita todos os processos de extracção, um meio cheio de compradores de oiro falso, por oiro verdadeiro.

Ora esta ideia é errónea! Os factos vêem demonstrando, dia a dia tal afirmação! E ainda bem. Porque há pessoas que se supõem capazes de dominar o mercado do país irmão, desde que possuam um pouco de audácia, muita «lata», certa facilidade de expôr os negócios, de forma a fazer crer que o calhau, que têm nas mãos, é a pedra filosofal, que todos buscam.

Transcrevemos, da *Pátria*, o seguinte artigo assinado por Sérgio Ferraz, e no qual se dá conta de mais um golpe, que não resultou:

De vez em quando desembarca um. Esteve lá na Europa a cogitar num «tiro» a dar na América do Sul e atravessa a Praça Mauá um tanto mimirado de não encontrar o carioca de penas na cabeça. Já traz no bólso as cartas de apresentação, a entrevista proutinha e a respectiva fotografia, devidamente autografada para o jornal camarada. Sobe à redacção; o redactor de serviço recebe-o de braços abertos, como bom brasileiro; o homem declara que vem salvar o Brasil disto ou daquilo, ou mostrar-nos como se faz aqueloutro — e a prosa lá vai para a primeira página se há falta de assunto de maior actualidade.

Assim tem sucedido com uma infinidade de «ilustres» estrangeiros, em vários sectores, e com os resultados práticos que todos nós conhecemos. Chegou a vez da cinematografia. Exactamente na véspera de se iniciar o «Mês do Cinema Brasileiro» chegou ao Rio um senhor de Randich, que segundo o nosso presado colega «Correio da Noite», vem mostrar-nos como se faz indústria cinematográfica.

Essa pessoa intitula-se, pelo visto, fundador da Tobis Portuguesa, segundo se depreende do artigo daquele vespertino. Foi essa, para nós que conhecemos os primórdios do cinema português, a nossa primeira surprêsa. Até agora, os fundadores conhecidos e reconhecidos, da Tobis em Portugal, eram os srs. Castelo Branco, Ricardo Jorge, Castelo Lopes, Ortigão Ramos e mais dois ou três nomes de consonância retintamente lusitana. Nunca nêste grupo de homens encontrámos apelidos estrangeiros, ou títulos nobiliárquicos. Deve, portanto, haver engano, e grôsso. Também entre os actuais corpos gerentes da referida companhia não figura o nome do conde George. Pelo menos é o que verificámos na notícia relativa à eleição dêsses Corpos de 30 de Março transacto, publicada no «Notícias» de Lisboa, no dia seguinte.

Portanto, tudo isto já cheira a trapalhada. Mas vamos à ideia luminosa que trouxe o sr. Conde à nossa Cidade Maravilhosa. Tanta novidade, tanto mistério, resume-se numa coisa afinal velha e sediça: a dobragem. É um processo de fazer falar na língua nacional as personagens dos filmes estrangeiros, com vozes emprestadas por artistas nativos. Truque batidíssimo na Europa, na Espanha, na França, e até um pouco na Alemanha, já estava meio abandonado por êsses países, cujos públicos suportam mal essa «habilidade», quando pelo visto o sr. Randich levou a coisa para Portugal. Ali apresentou dobrado em português e sob o nome de «O Grande Nicolau» um filme medíocre francês — «Son Excellence Antonin» — que foi um fracasso completo. Estreado no Odéon, de Lisboa, na noite da première o público recebeu mal a inovação, e na noite seguinte brilhou pela sua ausência. Desde então, não se tem ouvido falar mais de dobragem em Portugal.

É por isso, provàvelmente que se vem tentar a experiência no Brasil, mas desde já auguramos o mesmo êxito. Com efeito, além do irreal que resulta um filme dobrado em que a gente vê as personagens a falar brasileiro, por exemplo metido a martelo, e com gestos e reacções «yankees», não se explica que num país como o nosso ainda por assim dizer destituído de cinema nacional seja necessário recorrer-se a êsse truque para os filmes estrangeiros. Êsse recurso só foi imposto pelas circunstâncias em França em razão da produção abundante de língua francesa. É que nêsse caso, os filmes falados em estrangeiro ficavam em situação de inferioridade para com aqueles. Mas no Brasil isso ainda se não justifica.

Arrumado assim o caso da dobragem, resta-nos a questão da grande «fita», a fazer aqui e a concluir em Portugal. Também não vemos bem a base dessa «combinação». Decerto que a Tobis quererá, terminando a fita em Portugal, que seja feita nos seus estúdios. Ora sabe-se que os estúdios da Tobis Portuguesa custam uma fortuna comparados com o aluguel dos seus congéneres brasileiros. Não vemos portanto a vantagem comercial, pois então a fita resultaria caríssima, como caríssimas resultam actualmente, por êsse vício industrial, as produções portuguesas comparadas com as nossas.

Enfim, tudo isto é nebuloso e pretencioso. Estes «mestres» que julgam que desembarcaram em terra de cegos, e que não, se pejam de declarar à priori que nos veem dar lições, melhor fariam, às vezes, em não falarem antes do tempo, e em terem para connôsco a elegância de maneiras que os seus nomes espampanantes nos autorizam a esperar dêles.

Não queremos pôr em dúvida com isto, as prováveis boas intenções do viajante ilustre, mas francamente o cinema brasileiro vai-se governando com a «prata da casa», não precisando, por enquanto, do «corro a salvar-te» alienígena.

A notícia é suficientemente clara para dispensar comentários. Permitimo-nos, no entanto, sublinhar o facto do «salvador» em questão se andar a intitular fundador da Tobis e estranhar que Portugal abra os braços a tôdas as pessoas — o «Conde» Randisch esteve entre nós longos meses — lhe dê possibilidades de agir, sobretudo, como, quando no caso presente, essas pessoas não merecem confiança e não trazem credenciais, que os acredite.

O mais grave de tudo isto é que, amanhã, quando uma entidade portuguesa quiser tratar, honestamente, no meio cinematográfico brasileiro, qualquer iniciativa de interêsse mútuo, encontrará o meio retraído e cheio de boas recordações dêstes e «prestigiosos fundadores da Tobis», que andem por terras de Santa Cruz empenhados na «louvável» e santa missão de revelar aos nativos as maravilhas da dobragem!

FERNANDO FRAGOSO

Norma Shearer, formosíssima, em «Romeu e Julieta»

Qual foi o filme de que mais gostou?

O êxito do nosso inquérito recrudesce, de número para número. A iniciativa de «Cine-Jornal» agitou o meio teatral, que o tem recebido com demonstrações de forte simpatia.

O triunfo que se estava desenhando a favor do filme de George Cukor «As 4 irmãs» torna-se mais acentuado. E se a esplêndida versão americana vencer neste plebiscito, apenas temos a louvar o espírito deveras cinematográfico e artístico que demonstra possuir a gente de teatro.

Charles Boyer continua marcando uma posição bastante favorável.

Enfim, prossigamos e, dentro em pouco, podemos sintetizar a opinião geral dos nossos artistas de cena. E ouçamos as estrelas.

Palmira Bastos

Uma opinião autorizada que *Cine-Jornal* tem o prazer de arquivar, nas suas páginas.

Palmira Bastos, que é grande, dentro do teatro português, devia ser ouvida com a deferência e carinho de que a torna crédora a sua gloriosa actividade cénica e o seu espírito requintado de artista, onde vive uma sensibilidade extremamente rara.

A admirável intérprete de *A Dama das Camélias*, recebe a nossa pregunta com interêsse. Adora o cinema, não vendo apenas nêle um motivo de distracção, mas, sim, também, uma fonte de arte, onde não se cansa de mitigar a sua sêde de grandes emoções.

A sua opinião recái em: *Sansão*, *Canção de Sempre* e *Voando para o Rio*.

Quanto a actores, inclina-se para o magistral Harry Baur, depois, Charles Boyer e Fernando Gravey.

Maria Salomé

Eis uma rapariga cinéfila. Atenciosa, inteligente e com uma visão cinematográfica interessante. É o cinema, mais do que qualquer outra arte, que lhe dá as expressões reais da vida, que ora a faz sofrer, ora, a domina, como uma vaga de optimismo.

Desejosos de escutar a sua opinião dirigimo-nos ao Teatro Avenida, onde Maria Salomé se encontra actualmente trabalhando.

Acham que a minha opinião pode ter interêsse? E como mais uma vez lhe afirmássemos que nos era indispensável ouvi-la, Maria Salomé assim falou:

— Dos filmes que vi, os que mais me emocionaram foram: *Mundos Intimos*, *As 4 Irmãs* e *Parada Maravilhosa*.

Os dois primeiros, sobretudo, são duas maravilhas dessa poderosa arte que é o Cinema. Dois filmes fortes, que jámais esquecerei.

— E os seus actores?

— Incontestàvelmente, prefiro, acima de todos, Charles Boyer; no género ligeiro adoro Fernand Gravey e achei óptimo o Robert Taylor, que se revelou na *Parada Maravilhosa*.

E Salomé — sem semelhança com a de Vargas Villa — mais não disse.

Jorge Grave

Impunha-se-nos ouvir o marido de Maria Salomé. No camarim quási fronteiro ao da gentil artista, está Jorge Grave com uma caracterização que o torna irreconhecível. Assegurados de que dêle se tratava, desfechámos-lhe a pregunta da ordem.

Perdôem-me um àparte que já virá a propósito. Há casais muito felizes... ou maridos que até adivinham os pensamentos das suas mulherzinhas, de modo a nunca terem uma questiuncula na paz do lar.

Pois Jorge Grave é um dêles.

Elucidado do que desejávamos, prontamente nos esclareceu, com a mesma prontidão e iguais palavras:

Mundos Intimos, *As 4 Irmãs* e *Parada Maravilhosa*.

Que dizem as nossas leitoras? É um marido ideal ou não é?

E garanto-lhes que não houve batota...

Actrizes prefere: Katherine Hepburn, Helen Hayes — a genial intérprete do *Pecado de Madelon Claudet* — e Jean Parker.

Álvaro Pereira

Um «táxi» leva-nos ràpidamente à rua António Pedro. E após inquirimos ao motorista se êle era pró ou contra gorgeta — são todos contra, mas vão sempre guardando o escudo da praxe —, subimos a casa de Álvaro Pereira, simpático, e um tudo nada galhofeiro.

A nossa pregunta intimida-o. O teatro toma-lhe o tempo; pouco lhe resta para apreciar a arte das imagens.

No entanto... tratando-se do *Cine-Jornal*, responderá cingindo-se ao que viu.

Primeiramente, *Véspera de Combate*, depois, *A menina dos Curacóis* e *Fruto Verde*.

— E as suas estrêlas favoritas?

— Aquela a quem mais quero, não é estrêla... é uma estrelinha amorosa, uma bonequinha que nos apetece arrancar da tela e trazer para casa: Shirley Temple.

Como grande ingénua, admiro Sylvia Sidney. Em papéis fortes, a talentosa Marlène, delicia-me. E é o que lhe posso dizer, meu caro...

Maria Helena

Quando batemos à porta da sua residência, ainda «Anália» não viera.

Que pouco tardava, nos elucidou a serva. E guiados pela serviçal, cruzámos os luxuosos aposentos da apaixonada de Bocage, em direcção à sua elegante sala, onde um confortável sofá, já nosso conhecido, nos aguardava.

Alguém meteu a chave no trinco. Eis «Anália» que chega!

E Maria Helena, pois já Anália não é, surge-nos encantadora como sempre.

Não deixámos de agradecer a sua atenção simpática, roubando alguns minutos ao seu trabalho intenso, para nos receber.

O es[illegible] absorve-a. De dia e de noite, a ra[illegible]osa Maria Helena converte-se na sedutora «Anália» e vai mortificando o poeta, sob a luz inclemente dos projectores e as ordens dadas através do microfone. E [illegible]ando o lapis, 100 % veloz, anotámos [illegible] suas predilecções:

Filmes: *Mundos Intimos*, *As 4 Irmãs* e *As Virgens de Wimpole Street*.

Actores: Robert Mongomery, Gary Cooper e Charles Laughton.

Maria Lalande

Maria Lalande, a deliciosa Lalande do Teatro Nacional, vai depôr. É outra das que se sentem arreigadas à arte de Lumière. E após lograrmos convencer o porteiro da «caixa» — «género» guardião de estúdio — a deixar-nos visitar a insigne artista, pudemos, enfim, recolher a sua opinião.

— Sou uma admiradora da arte cinematográfica.

Prefiro comprar um bilhete para o cinema, a adquirir um bilhete para a lotaria. No primeiro caso, sei que vou ver um espectáculo, se não bom, pelo menos regular; na segunda hipótese, apenas sei que perco o dinheiro, pois sou «tumba»...

Não havia dúvidas. Maria Lalande é cinéfita.

— Os filmes desta época de que mais gostei, foram: *O último escravo*, *Ana Karenine* e *Sequoia*.

Os meus artistas favoritos? Charles Laugthon, Frederich March e Charles Boyer.

E com a opinião de Maria Lalande, encerramos a 3.ª «volta» do nosso inquérito.

ANTÓNIO FEIO

Nos próximos números: os depoimentos de Satanela, Maria Brazão, Amélia Rey Colaço, Mariamélia, Irene Isidro, Erico Braga, Amarante, Raúl de Carvalho, Beatriz Belmar, etc., etc.

O ELOGIO DA FARSA

Eu já atribuia muitos defeitos ao Chiado. Pois agora descobri mais um. Seguia por um dos passeios, atento a ver se conseguia passar adiante daquelas senhoras gordas e vagarosas que sempre por ali vegetam, quando dois cavalheiros conhecidos me interpetaram e, passados alguns segundos de conversa, pediram a minha opinião àcêrca do assunto que discutiam, na altura em que nos encontrámos. Fiz uma cara qualquer e preparei-me, como sempre, em casos idênticos, para lhes não responder.

Não tardaram a expor a questão: «O que é preferível: o drama ou a comédia cinematográfica?»

Quedei-me boquiaberto. Ultrapassaram tudo quanto a imaginação poderia conceber. Uma pregunta destas, simultâneamente complexa e disparatada, ali, em pleno Chiado!

Joseph Kessel, em «L'Intransigeant», refere-se a «Hollywood — la ville des mirages»; quási que poderíamos classificar assim Lisboa! Mas prefiro referir-me ùnicamente ao Chiado e chamar-lhe: «Chiado — a subida das coisas impares».

É evidente que não respondi aos tais cavalheiros conhecidos, pois inventei imediatamente qualquer coisa maquiavélica. Consegui despedir-me após curtos instantes e comecei a matular.

* * *

Sei lá o que prefiro?! O drama tem ligação directa com o romance e o verdadeiro romance é literatura por excelência. No romance, a humanidade possui algumas das obras mais geniais e duvido que o cinema consiga igualá-las. É dificílimo — ia a escrever: *impossível* — transportar Proust para o cinema, sem desvalorizar a obra. E reparemos no caso de Dostoiewsky e mesmo no de Vitor Hugo. Tôda a humanidade dos escritos do autor do *Crime e Castigo*, tôdas as suas tragédias não conseguiram aparecer na tela sem um prejuizo manifesto, a-pesar-dos esforços e do [illegible] de Pierre Chenal, que ainda assim obteve certo prêmio, muito honroso, com a produção que realizou. Para chegarmos a esta conclusão basta compararmos a reacção originada pela leitura do romance e a provocada pela exibição da película. As duas obras são — em valor intrínseco — incomparáveis. Estas ou quaisquer outras, nas mesmas circunstâncias; mas estas muito mais, pois Pierre Chenal não se conseguiu livrar de produzir o seu filme lembrando amiudadamente o teatro de Guignol. Servi-me dêle para exemplo, sabido que e exibiu há pouco, que nos lembramos, portanto, muito melhor, e ainda pelo facto de Dostoiewsky ser familiar duma grande parte do público que lê.

O cinema pode conseguir uma série de imagens fortes; que cheguem até a provocar um grito aflitivo no espectador... menos habituado a grandes emoções — como diria muito delicadamente certo jornalista. Mas a impressão causada é muito diferente — e muito inferior — à originada pela leitura de algumas páginas dum dos poucos bons romancistas. Talvez porque a leitura provoque um trabalho cerebral mais intenso e mais demorado deixando, portanto, uma emoção mais forte e mais duradoura. A emoção visível é mais passageira quando fictícia.

Não posso, portanto, preferir a película de feição dramática porque encontro uma substituição vantajosa na leitura do romance. Preferirei o filme *revista-feerie?* Não. Gosto de as ver, mostram-se muitas coisas novas e substituem com vantagem as nossas pindéricas e obscenas revistescas, com *compères* ordinários. Mas o celuloide prejudica 50 por cento o poder comunicativo duma *feerie de verdad*, vista directamente num *fauteuil* de orquestra, com as mulheres em carne e osso a bailarem, ali, no palco, a dez ou vinte metros de distância dos nossos olhos. O cinema pode valorizar a *feerie* com efeitos prodigiosos, ocasionados por truques, mas desvaloriza-a em poder comunicativo; vibramos muito menos, o espectáculo apresenta-se-nos deshumanizado.

O filme histórico? O filme histórico tem as suas grandes qualidades e virtudes. Pode ser um elemento educativo precioso e mesmo espectacularmente é muito apreciável. É claro que não falo naqueles, como um dos últimos de Cecil B. de Mille, que a-pesar-das explicações e justificações do sr. Robert Pimenta — professeur agregé d'histoire et de géographie — não passam de obras francamente discutíveis. Ainda bem que as películas dessa classe são compensadas com *A vida privada de Henrique VIII* e quejandas. No entanto, o espectador não *sente* o filme histórico.

Preferirei então os filmes cómicos ou as altas comédias? Sôbre esta interrogação é escusado fazer qualquer raciocínio explicativo e justificativo, pois julgo que todos estamos absolutamente certos de que não são as obras dêste género a razão de ser do cinema ou, pelo menos, a razão do seu fragor. Estão no mesmo plano, as películas de *cow-boys* e policiais.

Que nos resta? As farsas. E agora, reparo que são dignas da nossa melhor atenção as farsas que o cinema nos proporciona.

Incluo até neste género certas pseudo comédias-dramáticas curiosas. Como devemos classificar os filmes de Chaplin ou, pelo menos, certos pedaços dos seus filmes? E a *Quermesse Heroica*, de Jacques Feyder? E as desconcertantes cenas de Harpo, Chico e Groucho Marx, que Lisboa viu em *Agulha em Palheiro*, e em *Uma Noite na Ópera* — actualmente em exibição em Londres e Paris — parodeiam com essa sátira os filmes com cantores estilo Kiepura e quejandos, tão cheios de ridículos e tão do agrado do público? E o *Ultimo Escravo*, curiosíssima observação de certos costumes americanos?

Tôdas estas obras, e tantas outras neste género, só o cinema poderia dar, pois vivem essencialmente da imagem; da imagem que foca a acção e o meio com olhos de crítico. Mas as películas satíricas, burlescas, são em parte incompreendidas e pouco do agrado do grande público.

São capazes de supor, após êste elogio entusiástico às farsas, que gostaria de ver na tela ùnicamente espectáculos dêste género. Seria duma monotonia atroz e duma incoerência fantástica.

Tudo tem o seu lugar e a sua razão de ser.

A cinematografia têm-nos proporcionado algumas maravilhas em qualquer dêstes géneros, mas a farsa cinematográfica merece especial atenção, pois constitui um espectaculo único, completamente novo, diferentíssimo e incomparável à farsa teatral.

A verdadeira farsa é uma criação da cinematografia.

Os filmes de René Clair são o protótipo dêste género de cinema.

Em *O Milhão*, *O chapéu de palha de Itália*, *Sob os telhados de Paris*, *14 de Julho*, *O último milionário* e *Vende-se um fantasma*. René Clair proporcionou-nos momentos extraordinários de argúcia, de beleza e de poder crítico. Agora a sátira violenta de *O último milionário*, antes a poesia de *14 de Julho*, que não deixava por isso de possuir o mesmo sentido de crítica que sempre paira nos filmes dêste homem, que sabe, como ninguém, evidenciar os ridículos do século.

Charles Chaplin é um temperamento diferente, mas não deixa por isso de ter semelhanças com René Clair. As tragédias dêste último são mais literárias e as do segundo aparentemente mais sentimentais. O espanto-tristeza dos dois garotos que em *14 de Julho*, no meio da brincadeira com a bola, ficam estáticos a fitar a porta da florista com o papel tarjado de luto afixado, indicando a morte da pobre mulher, só pode ser compreendida e devidamente apreciada por determinadas sensibilidades.

Chaplin comunica com o público *falando-lhe ao coração* e impondo-se pelo seu extraordinário génio de actor.

Não queiram ver nestas citações de Chaplin o propósito de classificar os seus filmes como farsas. Os seus filmes o que têm são momentos satíricos, momentos de farsa.

Consta que o autor de *Tempos Modernos* — filme que, segundo as descrições publicadas, deve ser um exemplo justificativo da minha simpatia pelas farsas — vai realizar uma película cuja acção se desenvolve em Hollywood. O poder de crítica que Chaplin possui é espantoso, como todos sabem; pois calculem que Sinclair Lewis — o autor de *Babitt*, êsse formidável analista da civilização norte-americana — vai colaborar com o grande actor. Os diálogos serão escritos por êste inimigo da vida automática, que tanto reagiu contra as complicações-simplificativas dêsses homens que habitam na Avenida 25.ª, prédio 304, andar 88, elevador 3, corredor 7, quarto 35.

Mas René Clair possui realmente um alto sentido do que é a falsa; compreende êste género de cinema, como nenhum outro. Os seus filmes são dos poucos que podemos classificar como verdadeiras sátiras.

Os outros possuem, como já atrás escrevi, aqui e além, uma cena, uma passagem, um *gag*, mas no seu todo não lhe podemos chamar farsas.

TELMO FELGUEIRAS

Seymour Felix, ensaiador de bailados, apresenta, na pessoa de Virginia Gray o «girl» cujas formas mede escrupulosamente

As férias duma vedeta

Por CARMENCITA Aubert

CARMENCITA Aubert, muito embora tenha passado quási fugidiamente nos nossos palcos, conquistou, de repente, a simpatia e admiração do público. E se, no «São Luiz», não teve ensejo de se revelar sob todos os aspectos da sua curiosa personalidade de artista, a verdade é que, no «Coliseu», com a Orquestra Planas, Carmencita provou brilhantemente a fama de que vinha aureolada, e justificou a opinião dos críticos, que a apontam como uma das mais notáveis interpretes do cinema espanhol e do folclore nacional, nos palcos dos «music-halls» estrangeiros.

Damos, a seguir, através dum curioso artigo da linda artista, uma ideia de como está fazendo o seu estágio. Tôdas as leitoras podem seguir regime idêntico, não só porque Carmencita se não opõe, como ainda porque o aconselha a quem quiser gozar de boa saúde:

Em primeiro lugar: porque escolhi Portugal, para realizar aquilo que há tanto ambicionava e de que tanto necessitava — fazer uma longa e proveitosa cura de repouso?! Simplesmente porque a vossa terra reúne as condições ideais para tanto. Porque o seu clima, ameno e saúdável, nos convida à vida ao ar livre, aos passeios pelos pinheirais, às horas de sesta, nas sombras acolhedoras. Porque Portugal é uma espécie de Paraizo Perdido, sem aquele ar antipático de País 100 por cento turístico — embora tenha condições como nenhum outro!

Estou como quero, longe da civilização que cansa. À noite, conto as estrêlas; oiço os ralos, na sua cantilena interminável. Respiro o ar puro da terra fecunda, que bebe a água da rega da noite. Acordo, de manhã, com os passarinhos, vivo feliz e contente — como se não houvesse tristezas, canseiras e malquerenças sôbre a terra.

Depois da vida dos estúdios, das noitadas a que a profissão nos obriga, dos viagens esgotantes, dos espectáculos que cansam e nos desbaratam os nervos — um mês no campo é o remédio ideal!

* * *

O regime que sigo nada tem de transcendente. Quanto à mesa, não faço dietas especiais. Como o pão saboroso, que não foi fabricado à máquina. Bebo o vinho são, que não conheceu a mistura das drogas. Os vegetais que me servem à mesa não andaram dias e dias nos vagões do caminho de ferro, e as cerejas que trinco trazem ainda os pés verdinhos, a dizer que foram arrancadas há pouco das árvores.

Como com parcimónia, mas não passo fome. E para conservar a linha, faço exercício!

Levanto-me quando o céu começa a tingir-se de rosa, aos primeiros alvores da madrugada. É a hora mais bela do dia. A brisa da noite, sente-se ainda, fresca e apetitosa. A Natureza desperta. As aves revoluteiam nos ares — e o campo anima-se. Homens e animais — começam o seu dia.

Beber, a longos haustos, o ar da manhã é tomar o melhor dos tónicos, que não custa dinheiro. Virada ao norte, faço alguns exercícios de gimnástica e dou um longo passeio. Duas horas a pé, uns dias; a cavalo, noutros — abro o apetite para um primeiro almôço, frugal, como convém.

Depois, com as precauções que se aconselham, tomo um banho de sol. Arrefeço e mergulho na água do rio, água corrente e fresca, tão boa para a pele. Ao meio dia, quando o sol está a pino, almoço. Nas horas de calor, quando a terra se sente abrazada e o ar sufoca, em casa, vestida com aquela roupa leve que as circunstâncias impõem — faço a minha correspondência e estudo novas canções à guitarra.

À tardinha — ou na hora que, no campo, tem tantos encantos! — entrego-me ao meu prazer favorito: a bicicleta. Pelas estradas fora, pedalo, sem pretender armar em corredora, durante duas horas. Às 9 da noite, estou a jantar e às 11 durmo, como uma criança, contente com o meu dia, ansiosa pelo dia seguinte.

E aqui têm, com mais ou menos variantes, como passo as minhas férias. Pesco, no rio; leio, à hora do calor; tomo parte nos trabalhos da lavoura; racho lenha — tudo me entretem, me diverte e delicia.

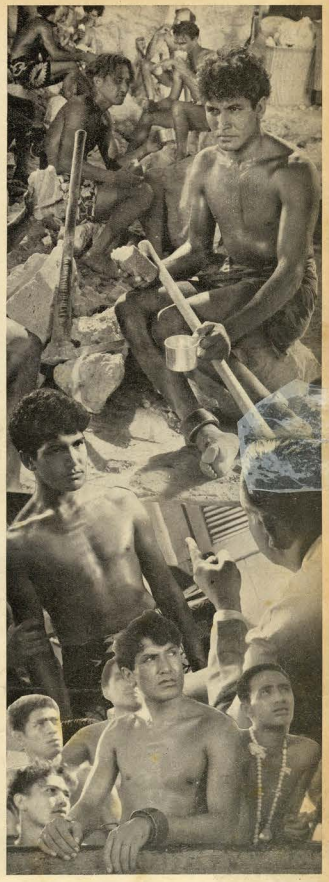
Estou radiante — porque realizei o meu sonho! Estou passando umas férias divinais, sob o céu tão azul e tão lindo de Portugal.

CARMENCITA AUBERT

Em rigoroso exclusivo para «Cine-Jornal»

— Reservados todos os direitos.

O
ÚLTIMO
PAGÃO
UM filme DO
ANO
MÁXIMO
DA
ARS GRATIA ARTIS
Metro
Goldwyn
Mayer



Uma hora em casa de Gustav Frölich

No grande lago de Wannsee, nos cercanias de Berlim, há uma idílico ilho, conhecido pelo nome de «Schwanenwerder», isto é, o ilho dos cisnes. Uma toboleto, colocada à beira do água, faz saber que o ilha é propriedade particular e que nelo «não há restaurantes, nem desembarcadouros». No entanto, os berlinenses sabem que nela podem entrar e que, do alto do suo colina, se avista o lindo panorama do lago, povoado de barcas à vela; o grande praia de banhos; e as margens cobertas de árvores frondosas. A coso, que se vê ao fundo da colina, construída em estilo de vivendo inglesa, entre jardins e grandes trechos de relva, pertence o Gustav Fröhlich.

Fomos encontrar o popular artista o despedir-se de Lida Baarova que seguia para os estúdios, o-fim-de trabalhar nas filmagens da nova produção «Stunde der Versuchung». Fröhlich, porém, tem o dia livre, e, por isso, não vacilamos em pedir-lhe para nos dar algumas informações. Primeiro, mostra-nos a sua casa, que adquiriu há pouco tempo, e com a qual parece estar muito satisfeito. A biblioteca diz-se-ia o cenário dum filme, não faltando até a inevitável porta de fundo, quási sempre disfarçada pelos lambris. Esta porta «secreta» dá para uma escada interior, que conduz a uma grande sala, transformada, pela dona da casa, em sala de gimnástica, e onde se vê um grande saco de areia, pendente do teto, saco que Fröhlich costuma esmurrar tôdas as manhãs, com ganas de pugilista. Os dois compartimentos contíguos são as salas de brinquedos. Sim, porque Fröhlich é uma criança grande que passa às vezes as tardes estendida no chão a brincar com locomotivas eléctricas que correm por um emmaranhado de trilhos, em volta da sala, puxando carruagens de expressos e parando em frente de pequenas estações de papelão: e Fröhlich, as mãos numa ponta de sinais, abre as agulhas à passagem do «rápido», manobra os sinais luminosos, diz os nomes das estações, e aponta num papel o tempo que o «rápido» leva a percorrer a sala. A outra sala está transformada num pequeno estúdio, com projectores, decorações, e outros requisitos de filmagem. Fröhlich é um devotado cultor do cinema de amadores.

Do grande varanda, lançada a todo o comprimento da casa vêem-se o jardim, o pomar, de que êle mesmo trata, e o panorama imponente do lago. Fröhlich acha que esta casa é simplesmente ideal:

— De-certo que é longe, para quem me visita — diz êle — e também não nego que é um sítio bastante solitário, mas, é justamente esta solidão que eu procurava. A minha casa da cidade, quando para lá fui morar, também estava isolada, mas depois começaram a vir outras proprietários, que construíram casas em volta do minha e a quem eu incomodava ao estudar as meus papéis em voz alta. Sim porque eu sou uma pessoa que gosta de ir para a estúdio com a papel estudada. Além de facilitar a trabalha é um esplêndida treina para quem não freqüenta muita as palcas das teatras. Par isso acha que um artista de cinema deve estudar a seu papel em voz alta, em casa, como se estivessé a declamar num teatra. O pior é que eu às vezes tinha que berrar ou gritar par socarro — como a papel exigia — e ísta fazia com que as vizinhas viessem às janelas, saber da que se tratava. Quantas vezes minha mãi teve que pedir desculpas pela barulha que eu fazia em casa, às vezes a altas haras da noite, quando não tinha tempa para estudar durante a dia! Foi par tuda ista que resolvi mudar-me para aqui.

— Actualmente está muita ocupada, clara?

— Estou, com efeita; tenha a contrata com a Ufa, que me dá várias papéis nas seus filmes. Num dêles, encarna a figura dum jóvem advagada que trabalha árduamente para fazer carreira, mas que durante êsse trabalha acaba quási par perder a amar da espôsa, par não ter tempa para se ocupar dela. É a papel que Paul Wegener me distribuiu na seu filme «Stunde der Versuchung». Na segunda filme, «Incógnita», sob a direcção de Richard Schneider Edenkaben, desempenha a papel de um rapaz que herda uma grande fábrica, mas que se vê abrigada a trabalhar nela, sob incógnita, porque não acreditam nas qualidades dêle e também porque já está mais ou menas desiludida da vida. O terceira papel que desempenha é na filme «Stadt Anatal», cujas filmagens começaram há pouca, sob a direcção de Victar Tourjanski.

Ditas estas palavras, Fröhlich convidou-nos para um passeia através da sua «propriedade». O talentasa artista está muita contente com a casa e não se canta de repetir que foi um verdadeira «achada».

— Tive uma grande sarte em encantrar aqui, há tempas, uma tabaleta dizenda que procuravam comprador para a propriedade. Ao menas aqui passa descansar da trabalha... para a trabalha!

Enquanta caminhávamas ao langa das alamedas, falámas de Portugal. Fröhlich canhece a nassa pais, e há muita que anseia visitá-la. Sabe que a sal brilha com excepcianal fulgar, que a clima é dace, a céu azul — e a pava dócil e acalhedar.

E Gustav Fröhlich, com um sarriso, afirmou:

— Creia, na que lhe vau diz. Há muita que canheça Portugal, através da sua História e das impressões daqueles que a têm visitada. Mas estau ansiasa par lá pader descansar uns dias — tanta mais que é das países anda canta mais admiradares. Na minha estatística de correspondência, Portugal figura em terceira lugar. Seria uma injustiça esquecê-la.

Berlim, Junho de 1936.

B. M. DOS SANTOS E SILVA

CARTA DO PORTO

MUITAS vezes, a maior parte das vezes, interessa mais ao leitor a opinião de outro leitor, do que mesmo a opinião ponderada, estudada, reflectida, de quem escreve

E se não conta ou mesmo não interessa fundamentalmente, não deixa de ser curioso e útil, para o mundo heterogéneo do cinema, registar-se as tendências, as preferências do público anónimo, do espectador que não fala de cátedra, mas, quási sempre tem sentenças judiciosas.

Quisemos ouvir, ao acaso, alguns cinéfilos despretenciosos, mas, absolutamente dedicados.

Nomes, para quê? Os nossos entrevistados exigem o anonimato, pois, pretenderam, simplesmente, dar a sua opinião pessoal, apresentar o seu conceito, fora de quaisquer petensões de publicidade.

O Pôrto, crêmos, é o segundo mercado cinematográfico português. Deve interessar a quem compra, a quem aluga, a quem exibe filmes, a opinião de alguns «habitués» dos nossos cinemas, escolhidos ao acaso, entre velhos amigos e desconhecidos, no meio da multidão anónima dos freqüentadores dos cinemas.

O que foi que mais interessou o público cinéfilo, desta cidade, na época que está a terminar?

As suas tendências poderão constituir uma indicação útil, as suas preferências um motivo de estudo.

Encontrámos no Trindade um nosso companheiro de infância, cinéfilo *enragé*, tão despretencioso como dedicado, elemento de preponderância na extinta Associação dos Amigos do Cinema, de cujos corpos-gerentes fêz parte durante vários anos.

A novidade do tricolorido

Após saúdosistas divagações, em que se remonerou uma curiosa e intensa propaganda passada, o nosso amigo elucida-nos:

— Durante esta época a nótula mais interessante da exploração cinematográfica foi, para mim, a apresentação do cinema tricolor.

A-pesar-de algumas deficiências, próprias duma experiência, duma tentativa, «La Cucuracha» foi um filme que me deixou prever a grande esfera de acção do cinema de àmanhã.

Mesmo assim, vi-o sete vezes. Talvez por ser uma película pequena, talvez pela influência que a côr exerce no meu espírito, talvez pelo encantamento que de todo êle dimanava, nunca me cancei de ver esta obra.

— Nenhuma outra película o interessou profundamente?

— Sinceramente. Não. Vi bons filmes e maus. Muitos que elevam a sétima arte ao mais alto conceito artístico, outros que não merecem, sequer, o tempo que se perde a vê-los.

Mas, o único filme tricolor que me foi dado ver, êsse, sim, interessou-me e nunca o esqueço. Mesmo que esta nova modalidade cinematográfica não fôsse àvante, mesmo que não pudesse tornar a ver outros filmes do mesmo género, creio bem que nunca da minha memória se varreria a grata sensação que experimentei quando vi o primeiro, pela primeira vez.

Filmes modernos, de acção intensa

Conheciamo-la de vista há muito tempo. Eramos *condiscípulos* das «pré-

(Conclui na pag. 14)

Os Cómicos e os seus imitadores

FAZER rir não é tão fácil como à primeira vista parece. Conseguir um riso espontâneo, natural, é o segrêdo dos grandes cómicos. Aparecer vestido e caracterizado duma maneira ridícula não é o suficiente para que uma plateia ria com vontade. O público gosta sempre de ver num cómico, um artista, e não um «clown» fazendo palhaçadas.

Pelo rosto dum artista cómico perpassa a vida: malícia, ironia mordaz, amor, desventura. O mundo tão cansado de conflitos e inquietações, sente absoluta necessidade dumas horas de alegria. É o cómico que lhas proporciona.

*
* *

Falar dos ases da gargalhada, é recordar os tempos saüdosos do mudo. As «matinées» do Chiado Terrasse com os seus filmes em 2 partes. Os cómicos, então em moda, mais conhecidos pelas alcunhas do que pelos nomes próprios: Liró, Caralinda, Charlot, Faustino, Bigodinho, Faty, Mamarracho, Pencudo, Timóteo, etc. Hoje, já poucos se lembram dos cómicos que há talvez 10 anos tiveram o seu apogeu.

Alguns passaram à posteridade.

Charlot, Liró e Pencudo, foram os que melhores provas nos deram do seu talento. Charlie Chaplin (Charlot) tem subido sempre no conceito do mundo cinéfilo. Liró — talvez o leitor se admire ao ler o seu autêntico nome — abandonou a alcunha e é para todos os efeitos Harold Lloyd. Pencudo, o malogrado Larry Semon, morreu, se a memória não nos atraiçoa, há 3 anos. Os cinéfilos de hoje recordam-se dêle com certeza.

Da velha guarda é, também Max Linder que veio a Lisboa, exibindo-se em público. A sua actuação na tela deixou recordações mais agradáveis do que a passagem pelo palco português.

As fitas cómicas, vividas em palácios encantados onde o Dragão das sete cabeças guarda as portas, encerravam, muitas vezes, entre «gags» e fartas gargalhadas, uma moral sã, chegando a defender teses curiosas.

Charlot era o ídolo. Encontravam-se ilustres desconhecidos. Havia quem julgasse que para «fingir» de Pat e Patachon, bastava arranjar um homem alto e magro, com um enorme bigode à polícia das operetas antigas, e outro, baixo, gordo e careca, que tivesse o cuidado de fazer uma bôca mais parecida com um «bull-dog» do que com o simpático dinamarquês. Enfim: defeitos desculpáveis na miudagem, e imperdoáveis a actores.

A febre das imitações era mundial. Chegou a ponto de se organizarem concursos para imitadores de vários artistas. A propósito é curioso recordar uma anedocta de Chaplin.

Num concurso realizado para aprovação do mais pefeito Charlot, encontrava-se no meio do candidatos ao título, o próprio Charlie Chaplin, que não póde esconder o seu espanto ao anunciarem-lhe a reprovação...

*
* *

Cada época tem os seus cómicos. Alguns desaparecem, como a moda feminina.

miudos, de bigode à americana, chapéu de côco, bengalinha e metendo os pés para fora, a «fazerem» de Charlot.

*
* *

Porque será que às vezes não se resiste à tentação de imitar um cómico de fama? Mesmo a propósito dum defeito físico, nós sentimos vontade de alcunhar um amigo, de Charlot, Harold, Pencudo, ou qualquer outro. Basta que lhe encontremos semelhança.

No tempo de Pat e Patachon, eram vulgares as imitações. Os miudos e até as pessoas crescidas, riam com os disparates dos impagáveis cómicos, e com as más imitações, feitas por artistas

O tempo dos campeões do cuspo, imitadores de Karl Dane, na «Grande Parada», de Al Jolson, de Pamplinas, deu lugar, depois de diversas fases, à época actual.

Já que falámos em Pamplinas (Buster Keaton) é nosso dever, recordar a série enorme de imitações de que êle foi alvo. Quando se via um fulano sisudo — cara de entêrro, como sói dizer-se — não tardava em ser baptizado de Pamplinas. Assim é a vida. Em alguém se parecendo com qualquer cómico muda logo de nome. Em suma, do mal o menos: conhecemos alguns que têm de se parecer, quer queiram, quer não.

*
* *

Hoje, os mais populares, são os três irmãos Marx, Stan Laurel e Oliver Hardy. Não lhes faltam, também, imitadores. Olhemos, por exemplo, os que nesta página imitam Bucha e Estica.

Desta vez não criticamos. Êsse trabalho entregamo-lo ao leitor, que com a imparcialidade requerida nestes actos, os vai julgar.

Julguem-nos. Daí lavamos as nossas mãos. Contudo, vamos dizer algumas palavras a seu respeito, para que o leitor possa fazer um juizo seguro.

Vejam, em cima, o actor Carlos Barros e o bailarino Salvador. Lembram-se dêles na revista «Anima-te Zé», representada no Maria Vitória?

Tinham um esplêndido número cómico. Alcançaram muitas palmas. Fomos testemunhas oculares.

Reparem agora, nos outros. Hardel e Laury, que se exibiram, no S. Luiz, em «matinées». Não os chegámos a ver. Perdão, iamos faltando à verdade. Estivemos com êles na Estação do Rossio, porém, não tivemos ocasião de os ver trabalhar no palco.

O leitor viu-os, decerto. Julgue-os, portanto. Mas, antes disso, dê-nos licença para acudirmos pelos imitadores portugueses. Sem desprimor para ninguém, consideramo-los superiores a quaisquer outros.

Nas suas expressões mímicas foram muito felizes, será difícil fazer melhor.

Mais não dizemos, para não nos julgarem suspeitos.

SANTOS MENDES

Casado, com mulher e cinco filhas, sou um homem feliz!

por Eddie Cantor

TENHO algumas dezenas de anos de idade. Cabelos brancos não se contam aos centos, porque talvez não hajam entre brancos e pretos, cem, ao todo... possuo uma razoavel experiencia da vida. Tenho mulher e cinco filhas, a maioria delas já criadas — e bem criadas.

Parece-me, pois, que estou revestido de autoridade suficiente para falar de cátedra sôbre o casamento e apregoar a necessidade instante de todos os rapazes prenderem à vida pelos sagrados laços do matrimônio.

Casei cedo — e não estou arrependido. Devo a posição que tenho ao facto de ter casado, sabido e que isso me obrigou, várias vezes, a pensar e a dirigir melhor os meus actos. Todos nós temos, na vida, os chamados «repentes». Somos capazes de desafiar as iras do céu e da terra, só para arreliar ou desconsiderar alguém, que nos foi desagradavel! Quantas vezes, teria eu virado as costas aos produtores e realizadores, abandonado, em meio, o trabalho, para me vingar de prepotencias e de ambições, que revoltam.

Pois muito bem! O casamento evitou que desse, em certas ocasiões, semelhante passo — e quem sabe se, nessa altura, não me houvesse dommado, se seria hoje o que sou — no mundo do cinema.

O casamento dá a um rapaz, por mais «aéreo» que seja, a consciencia e a noção das responsabilidades. Lembra-lhe «que tem mulher e filhos (quando os tem...) a sustentar», e que... com coisas sérias não se brinca.

Vale a pena casar cêdo? Sem dúvida! Se não tivesse dado o sagrado nó, quando era novo — não teria a alegria de ver agora o rancho das minhas cinco raparigas, alegres e chilreantes, em vias de se arrumarem na vida.

Todo o homem que pensar em casar — e todos devem casar! — têm, como vêem, vantagens manifestas em casar cêdo.

* * *

Hollywood tem fama de ser uma cidade perigosa para os lares. Dão-se, a cada passo, factos que parecem provar tal sugestão. Mas a verdade é que não vejo essa aura «anti-matrimonial» que se lhe pretende atribuir.

O mal dos casamentos e dos lares da Cinelândia não está na terra que os acolhe, mas sim nas fraquezas dos homens e das mulheres, e na falta de sinceridade dos sentimentos que em regra foram responsáveis pela união.

É certo que as mulheres tentadoras e os galãs D. Juanescos pululam. Mas não é menos verdade, também, que Hollywood é a terra da mentira e o amor é um aspecto mais da mentira que domina por tôda a parte.

Quanto a mim, a instabilidade dos lares deve-se ao excesso de moralidade e de pudor. O concubinato é inadmissivel, na América! Daí a legalização de tôdas as inclinações — e a conseqüente banalização do casamento e divórcio.

Tomemos um exemplo: o sr. A e a sr.ª B vivem felizes. Aparece a menina C. Como o sr. A é influente nos estúdios, e ela pretende subir, trata imediatamente de começar a representar a comédia do amor. A menina C é bonita e sabe como deve proceder, para levar a água ao seu moinho. E o sr. A, como todos os homens, é um ingénuo, cândido e inocente. Os acontecimentos precipitam-se. Começa a falar-se no caso. Um escândalo pode comprometer uma carreira! Só há um remédio: o sr. A divorcia-se da sr.ª B e casa com a menina C... Todos acham a solução, conforme com a moral «yankee».

E o que deu afinal aquela bretoeja sentimental, de duração fugaz? Isto simplesmente: um lar destruido; um casamento, que se resumiu numa lua de mel de oito dias — e mais dois candidatos ao divórcio.

O meu lar mantém-se há vinte e tal anos, sem núvens negras, porque abri sempre os olhos a tempo...

Para mais, tenho fama de os ter grandes — e esbogalhados ...

* * *

Cristo, quando andou por êste mundo, prègou: crescei e multiplicai-vos! Aos 30 anos, tinha já cinco filhas! Parece-me que cumpri à risca tão sábio preceito.

O facto sugere-me outro problema muito discutido em Hollywood: a maternidade!

As vedetas da tela devem ou não ter filhos? Entendemos que não. A artista que viver para o estúdio — não pode viver para a casa — não pode, implicitamente, cuidar dos filhos. E tê-los, para os confiar às «frauleins» tão mecânicas como loiras, ou à «miss», que lê o seu romance e olha para os «bambinos», no intervalo de cada capítulo — lê-los, para os educar assim, diziamos, é um crime!

Casei e tive cinco filhas — porque minha mulher não dividiu o tempo entre a casa e estúdio, e pôde, como a mais burguesa das mãis, dedicar-se à sua criação e educação, de alma e coração — sem outros cuidados e preocupações.

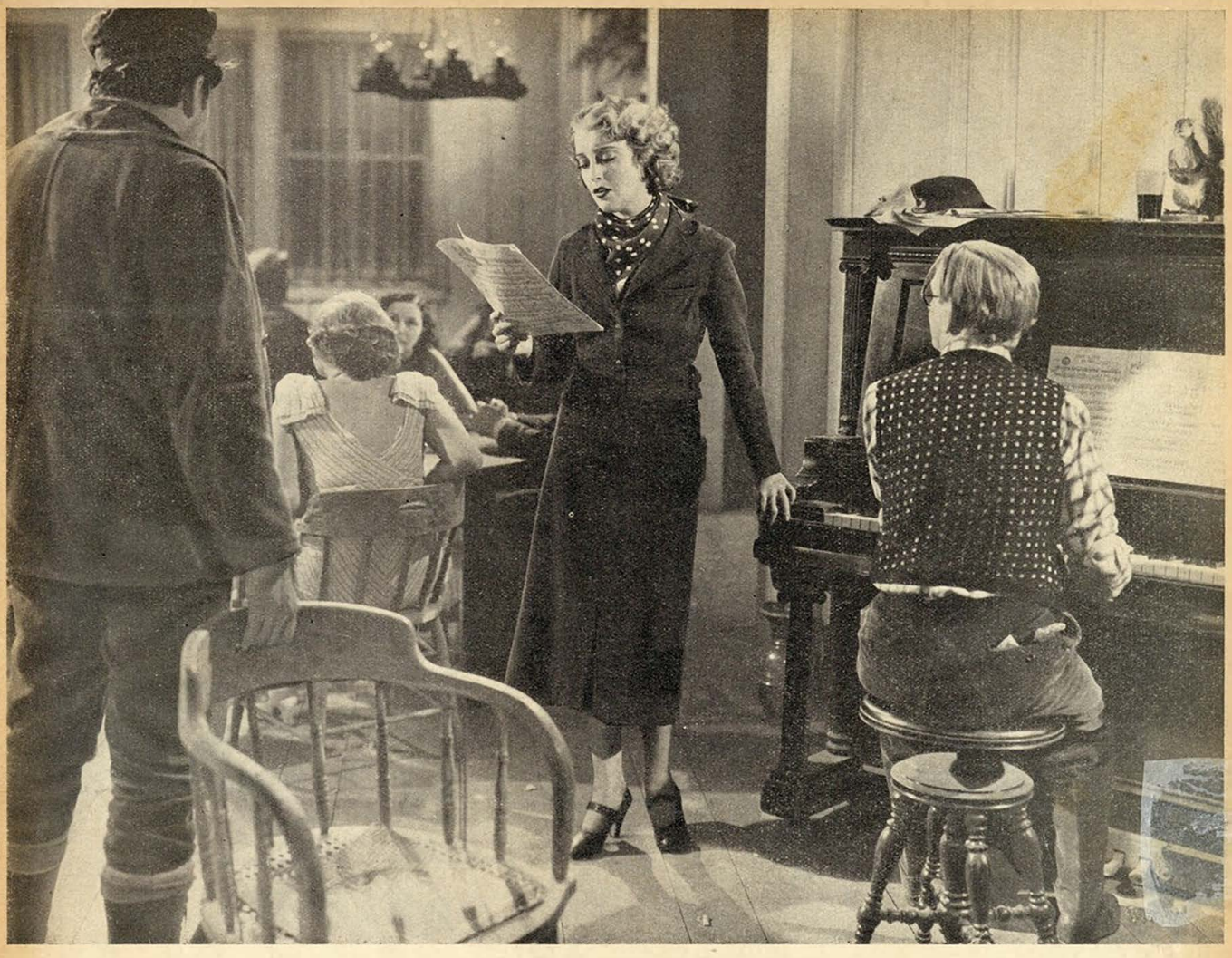
Crescei e multiplicai-vos — sim. Mas segundo as regras velhas da taboada, e não lançando mão das cómodas máquinas de apurar os produtos, que são as «institutrices», contrárias a tôdas as regiões de puericultura, quando não estejam sob a permanente vigilância das mãis.

* * *

E agora deixem-me dizer-lhes que se tivesse que deixar de ser artista de cinema, me tornaria pastor — só para fazer casamentos, pois repulo o casamento base da sociedade em que vivemos.

EDDIE CANTOR

(Em rigoroso exclusivo para *Cine-Jornal*. Reservados todos os direitos).



Num caboré barato, acompanhada por um piano desafinado, Jeannette Macdonald canta... Está triste, desiludida. Penas de amor, sòmente. Tal é a cena que nos evoca esta imagem de «Rose Marie», que vamos ver na próxima época.

CAPRICHOS DA INSPIRAÇÃO

É digno de nota o esfôrço que o cinema americano faz, em melhorar de qualidade, não quanto à técnica, porque esse atingiu já um grau de aperfeiçoamento que dir-se-ia insuperável. O sonoro venceu a distância que vai do «Motou» ao «Broadway Melody».

A qualidade a que nos queremos referir está no assunto, na essência, na alma contida num filme.

Em «David Copperfield» e «Tale of two Cities», de Dickens; no «Crime e castigo», com Peter Lorre, de Dostoiewsky; em «Camille», de Alexandre Dumas, ou em «Croix de bois» («Road to glory»), de Dougelès, não veremos mais cenas de «cabaret» duvidoso, corridas de automóveis e espingardas-metralhadoras.

O cinema americano deixa de acertar o passo com o público — o grande público — e toma uma feição cultural digna de aprêço.

Em vez de: — que desejam? desfechado por detrás do balcão, exclamará: — quem me ama, que me siga! É mais nobre.

Veremos as conclusões a que se chega.

* * *

À objectiva de «O operador n.º 13», não escapou a acusação que se faz ao cinema americano, de enveredar por tal caminho, simplesmente porque secaram de todo as fontes de inspiração em Hollywood.

Isso não é fácil de acreditar, sabido como é que uma numerosa colónia de escritores de todo o mundo ai habita.

É certo, que nem só para fazer versos é preciso inspiração.

Romancista ou novelista, articulista ou «repórter» — todos necessitam de inspiração, para poderem escrever qualquer coisa que não lembre o artificialismo das flores de papel ou dos limonadas em pó.

Se as cartas de amor nascem espontâneamente dêsse estado de graça atingido por quem escreve, a prosa feita num espaço de horas contadas, obriga o espírito a tratas de pelé, que melhor é julgar que experimentar.

A clássica indiscrição dos jornalistas tem levado alguns escritores a descrever como se dá o fenómeno da inspiração.

Ela é muito voluntariosa (sexe oblige...): nunca vem quando se quere. E muito exigente (idem, idem...): requere, antes do mais, concentração de espírito.

Há pessoas que se recolhem fàcilmente no meio da multidão: escrevem no «bar», no café, ao som do telefonia, numa «gare»... Um dos poemas do Almada tem a nota de ter sido feito durante a revolução de 14 de Maio.

Outros procuram, de preferência, os jardins solitários, o silêncio da noite, a solidão da quarta de trabalho.

Uma vez montada a cenário, o que nunca falta um maço de cigarros, vários fôlhas de papel e um lápis, fica-se à espera da desejada dona.

Mas o lápis parece tolhido de reumatismo, a fôlha de papel dir-se-ia um areal imenso; queimou-se o último cigarro.

Não veio. Talvez amanhã.

Mas ao dar-se a volta ao interruptor, ei-la que avança com passos de sêda, e segreda ao ouvido palavras novas, frases que ainda ninguém pronunciou.

* * *

A propósito, uma pequena anedota passada ùltimamente em Hollywood.

O novelista William Faulkner foi encarregado de escrever o argumento para um filme.

— Para mim, disse o novelista ao produtor, seria mais agradável escrever em casa do que na vossa estúdio.

— Mas, certamente. Não vejo inconveniente nisso. Respondeu-lhe o outro.

Passada um mês, o produtor precisou de falar com o novelista. Até aí não a tinha enxergada em parte alguma. Deveria, realmente, encontrar-se em casa, trabalhando no argumento pedido.

Partiram estafetas, retiniram telefones — e nada.

No fim de muito tempo perdido, teve-se conhecimento que o homem, afinal, estava em casa, como dissera.

Não fôra raptado, nem mesmo linchado, como já afirmavam as más línguas, que vêem sempre a América pelo lado pior...

É que êle se esquecera de dar a morada. E, soube-se então, o novelista residia em Oxford, Mississippi, a umas boas centenas de léguas de Hollywood...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES.

Miriam Hopkins, o talentoso artista, que tantas vezes temos admirado

gostei imenso, foi uma «Viúva» que me encantou, a-pesar-de já não estar em idade para folias...

Peliculas alegres, muito alegres

Há aspectos e profissões que desmentem, em absoluto, as tendências, as preferências dos individuos.

Êste gorducho freqüentador dos nossos cinemas, passa a vida a fazer contas, a fazer malabarismos de algarismos num banco.

No «hall» do Olimpia, atirámos-lhe à queima-roupa:

— Gosta dêste filme?

— Muito; depois que vi, pela primeira vez êste artista, nunca mais perdi nenhum dos seus filmes. Sempre preferi os filmes alegres, comédias ou operetas, isso é-me indiferente. Êste Fred Astaire dispõe-me bem, acho-lhe graça, não faz palhacices, não tem grosserias e é sempre distintamente alegre.

Um filme triste, só quando é muito bem feito, excepcionalmente bem feito, é que não me aborrece.

Não se ria. Êste meu aspecto melancólico existe por dentro e por fora, por isso assim como quando uma pessoa está com frio toma coisas quentes, também quando é triste precisa de quem o alegre.

— De que filme gostou mais, nêstes tempos?

— Sei lá. De todos que sejam alegres, muito alegres.

E a campainha retinindo pôs têrmo à rápida, à curta entrevista.

* * *

Conquanto as opiniões pessoais dos nossos entrevistados, não tenham fôros de inquérito, não deixa de vir fora de propósito, nêste fechar de época, arquivar as opiniões dimanadas de freqüentadores assíduos dos nossos cinemas.

As suas tendências, as suas preferências, podem não corresponder a correntes de opinião, mas, constituem, de tôdas as formas, subsídios para o apuramento geral dessas tendências.

CARLOS MOREIRA

ROSIPOR,
OLY, YILDIZIENNE,
MIRABILIA, Etc.,
para póros dilatados, peles oleosas, sêcas, rugas, etc. — Produtos excelentes da
Academia Scientifica de Beleza
Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA
McCAMPOS

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRÁFICO
Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES
Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da
Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227
Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa
ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL

52 números	1 ano	48$00
25 »	6 meses	24$00
12 »	3 meses	12$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num.	1 ano	65$00

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

CARTA DO PORTO

(Continuação da pág. 10)

miéres». Ouvimos-lhe, há pouco ainda, no borborinho dum intervalo, uma opinião crítica muito sensata a propósito duma produção que não fêz sucesso.

Dela sabíamos apenas que freqüentava a Faculdade de Farmácia.

Procurámos uma apresentação, e esta senhora de espírito subtilmente moderno, que detesta os exagêros e possui um sibilino sentido de observação, diz-nos, momentos antes de principiar o espectáculo, no São João:

— Prefiro, possivelmente, por uma questão de sensibilidade, os filmes de ambiente acentuadamente moderno e acção profundamente intensa.

Vi obras, dentro do género que prefiro, que me interessaram apenas, e se, em boa verdade, não posso destacar uma que, por completo, satisfizesse o meu espírito emotivo é porque quási tôdas, se não tôdas, apresentavam as téses demasiadamente esquissadas, não aprofundando suficientemente os conflitos, de maneira a poder chegarmos a uma conclusão, se não prática, pelo menos lógica.

— Mas, não destaca, pelo menos, um filme de todos os que viu ùltimamente?

— Sim, um: «Quatro irmãs» que não estando dentro das minhas tendências, apreciei e vi alvoraçadamente porque constitui um excelente e profundo estudo psicológico.

Música, sobretudo opereta

Num dos corredores do Águia de Ouro cavaqueávamos com um antigo funcionário colonial, «doublé» de distinto escritor.

Discutiram-se filmes, artistas, argumentos. Abordou-se a crítica. E o nosso amigo, que já correu as cinco partidas do mundo e agora corre tôdas as «malinées» com os netinhos, axplica-nos:

— Do cinema aproveito a parte moça, alegre, optimista. Gosto do cinema, mas já não me interesso pelos grandes dramalhões, nem pelas tragédias de arrepiar os cabelos. Quero que o cinema me divirta.

Aprecio extraordinàriamente os filmes musicais e, acima de tudo, aqueles que nos dêem, tocados ou cantados, trechos clássicos.

O cinema tem-me dado ensejo a ouvir excelentes cantores líricos que me têm enlevado.

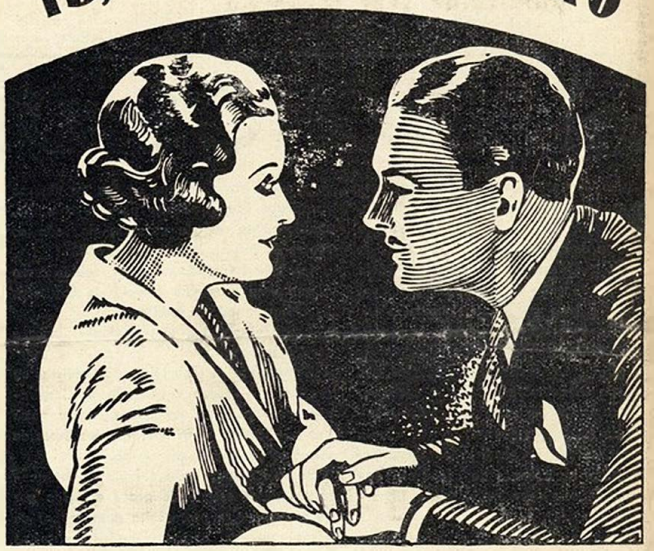
Música, muita música, sempre música é que eu quero ouvir, porque já nada de novo posso ver.

— E qual o melhor filme que viu êste ano?

— Não me lembro de muitas coisas que tenho visto, sobretudo, porque não fixo os nomes. No entanto, recordo com inegável saúdade a noite em que vi a «Viúva Alegre». Não é, positivamente, a «Viúva» que tenho visto no teatro por variadíssimas companhias, mas, gostei,

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TU, A QUEM EU ADORO



Apenas cinco pequeninas palavras... Mas significam tanto para a menina que deseja ardentemente um bom casamento! Um homem é sempre atraído pelo efeito magnético duma pele macia, clara e branca, e por uma tez delicada. Hoje, tôda a mulher pode duplicar ràpidamente o seu encanto sedutor com o simples emprêgo do novo Creme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso). Em 3 dias apenas, produz-se a mais surpreendente transformação. Os poros dilatados, pontos negros e rugas do cansaço, desaparecem à medida que a pele se torna mais clara e a sua granulação se torna mais fina. Experimente esta simples receita, se ambiciona o amor ardente dum homem.

A venda em todos os estabelecimentos. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende o mais depressa possível.

POUPE DINHEIRO...

AS VELHAS TARIFAS

- Instalação urbana . . . . . 400$00
- Instalação extra-urbana . . . . . 300$00
- Um comerciante
  80$00 por mês com 1.000 chamadas
- Um comerciante fazia
  4.500 chamadas por 2.3 75$00
- 2.as e 3.as e outras linhas para P. B. X. a 800$00
- Chamadas para os grandes consumidores a 45, 40 e 30 centavos

AS NOVAS TARIFAS

- Instalação urbana . . . . . 200$00
- Instalação extra-urbana . . . . . 200$00
- Um comerciante
  75$00 por mês com 1.2 50 chamadas

MAS...

pode ter telefone desde 30$00 por mês

- Um comerciante faz
  4.500 chamadas por 1.83 0$00
- 2.os e 3.as e outras linhas para P. B. X. a 300$00
- Chamadas para os grandes consumidores a 28 e 25 centavos

● **Atenção** — Os assinantes da tarifa fixa devem meditar sôbre o que pagam . . .

1 exemplo — Uma casa comercial na 2.ª zona, com 3 linhas de rêde em tarifa fixa, paga . . . . . **4 587$00**

Pelas tarifas de 1928 êste assinante pagaria, com 10.000 chamadas . . . . . **5.225$00**

Pelas novas tarifas, com 3 rêdes e 10.000 chamadas **3.700$00!!!**

A TODO O PÚBLICO — Qualquer que seja o vosso comércio, ou em vossa casa particular sem distinção, deve ter possibilidade de ter TELEFONE. Faça uma avença em qualquer das 8 categorias seguintes:

Categoria	N.º de chamadas	Taxa anual	Mensalidade	Custo das chamadas em excesso
A	—	—	30$00	$45
B	500	500$00	48$00	$45
C	1.250	775$00	75$00	$40
D	2.500	1.200$00	115$00	$40
E	4.500	1.830$00	175$00	$35
F	6.500	2.380$00	225$00	$35
G	8.500	2.850$00	275$00	$30
H	10.000	3.100$00	300$00	$25

Toda a gente vai ter telefone!

Toda a gente tem telefone mais barato!

DIRIJA-SE À COMPANHIA DOS TELEFONES

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 38 — 6 DE JULHO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1$00

«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA